

Imagem e Semelhança

A Falência dos Cosméticos



Rubem Martins Amorese



Imagem e Semelhança:

A Falência dos Cosméticos

Rubem Martins Amorese

Sumário

Apresentação	5
1. A Questão	9
Sem cosméticos	11
2. Vida ou Morte	13
Transgressão provoca morte	15
Confissão: o caminho de volta à vida.....	15
Como crianças recém-nascidas	16
Recém-nascidos dependem dos pais.....	18
3. Mandamentos Absurdos?	21
Soberania de Deus x responsabilidade humana.....	22
A tesoura teológica.....	23
4. A Verdadeira Adoração	25
Propomos uma releitura	25
Imagem e semelhança	26
Amor e compromisso	28
Adoração: resposta a um amor perfeito	28
O "outro" em casa	29
Inferno: ausência de Deus.....	30
A verdadeira adoração	31
Em espírito	32

Em verdade 34

5. Providências do Amor 39

Revelou-se 39

O caminho de volta 41

A restauração 43

Notas 46

Apresentação

Quem é Deus (se é que existe)? Como ele é? Que pensa, que faz? A não ser pelo fato de ser sua criatura (de uma forma muito indireta!), que tenho eu a ver com ele? Se ele existe mesmo, e se de fato é uma pessoa, então, deve ter impregnado sua criação com sua personalidade. Logo, a não ser que ele seja louco, as coisas devem fazer algum sentido (vêm de algum lugar e vão para algum outro, a fim de satisfazerem a alguma necessidade). E se for assim, eu devo ter alguma participação nesse plano global para a existência. Que participação é essa? Há meios de eu saber? E se eu não souber, prejudico-me em quê? Poderia eu estar “nadando contra a correnteza” sem saber? E se eu vier a saber a respeito desse plano global e não quiser colaborar (posso não concordar com ele, não posso)? Que acontece?

Se Deus criou Adão, acabo sendo criatura dele também

Necessidade = objetivo

Se esse Deus é pessoal, como dizem alguns, terá ele alguma expectativa a meu respeito? Se tem, por que não a satisfaz, utilizando-se da sua onipotência? Mais ainda: sendo onipotente, como pode ter expectativas a meu respeito — como se eu fosse responsável por alguma coisa?

Deus pode tudo, mesmo?

Essa história de Adão e Eva: tem alguma coisa a ver com o verdadeiro Deus? Ou é, realmente, destinada a merecer pouco crédito?

Essas são algumas das perguntas que pessoas honestas se têm feito ao longo dos séculos. Não são perguntas superficiais

e levianas, tais como procuraria imediatamente rotular um religioso extremado em seu zelo. Não. Um relacionamento correto e concreto com Deus (já estou me posicionando a respeito da primeira questão) não implica e nem pode implicar suicídio intelectual.

Fé ≠ Fanatismo

Essas mesmas questões, no entanto, podem ser (e são) lançadas por pessoas que não querem saber as respostas. Elas são usadas como uma espécie de escudo; de cala-boca. Para esse tipo de pessoa não há resposta satisfatória, pelo simples fato de não haver pergunta. Na postura com que fazem o questionamento vai embutida a sua própria resposta. E essa resposta — na maioria das vezes uma não-resposta — é a que querem ouvir. Não têm “um coração aprendiz”, como diria a Fafá de Belém.

Típico da
deformação
profissional de
advogados

Mas há, também, o outro lado da moeda: pessoas que gostariam de fazer perguntas honestas, mas não encontram a quem perguntar, porque sabem que serão agredidas, evitadas ou rotuladas disso ou daquilo. Só o que não terão é o que quiseram buscar. Para esses, que fazem perguntas difíceis porque anseiam pela resposta, aqui está uma modesta contribuição de alguém que também não se contenta com evasivas e chavões.

O outro lado da
moeda...

A idéia é a de estabelecer uma conversa desprezenciosa — todavia séria e devocional — entre pessoas curiosas e sinceras que buscam compreender melhor o cristianismo. Como que uma tentativa de colocar o evangelho (ou, pelo menos, partes dele) em uma linguagem acessível ao cidadão do século XXI. Para isso, buscam-se experiências e fatos comuns entre nós para ajudar a explicar princípios e fatos universais, narrados numa linguagem do passado. Numa palavra: contextualizar.

Uma conversa
atualizada

Veja o que acontece no campo da arte. Um artista não é aquele que consegue “ver” com maior clareza uma determinada faceta da realidade de seu mundo? E então utiliza-se de sua forma de expressão para “dizer” o que vê ao seu público. Sim, a arte é importante. Não somente por causa do belo. Mas também por sua função social. Ainda que com diferentes níveis de consciência e intenção, o artista cumpre a função de fazer a “mimese da realidade”: de recriá-la, de expressá-la, de expô-la, de torná-la visível, enfim, para os olhos comuns do cidadão. Ao mostrar sua “criação”, o artista está a dizer: “Irmãos, o mundo,

Mimese/imitação/
revelação

neste aspecto, é assim”.

Função social da
mímesis

Para usar de franqueza, pode não haver muito do elemento estético nas páginas que se seguem (embora isso seja tão subjetivo e discutível), mas gostaríamos que pudesse, em que pesem todas as suas limitações, cumprir a outra missão da atividade criativa: dizer, de uma faceta importante da nossa realidade: — irmãos, eu vejo isso assim e assim.

Esperamos que aquilo que o leitor vai encontrar possa acrescentar elementos novos à sua compreensão geral da realidade de Deus. E que, a partir desses elementos, sua vida seja abençoada.

Limite da consciência possível:
região de crise

Lucien Goldmann diz que existe um “limite da consciência possível”, além do qual, ou negamos as informações que obtivemos ou nossa estrutura (pessoal ou social) sofre profundas transformações para se ajustar à nova visão da realidade. É como, por exemplo, nos relacionarmos com a notícia de que recebemos uma fortuna por herança. Não podemos assumir perfeita consciência (e, portanto, posse) desse fato sem que toda nossa vida se transforme. Mas podemos utilizar o mecanismo de permanecer aquém desse limiar de consciência. Mandamos o emissário testamentário embora, antes que possa dar mais detalhes sobre esse “monte de besteiras” e continuamos, felizes, nossa vidinha de sublimes privações.

O verdadeiro fanático é aquele que diz: “nada mais resta a dizer a respeito”

—Rubem Martins Amorese

1. A Questão

São dez e meia da manhã. O sol está forte, mas um ventinho frio faz cruzarem os braços as pessoas que saem por aquela porta. Ainda meio ofuscadas pela claridade exterior, vão, aos poucos, voltando-se umas para as outras.

Com um sorriso tranqüilo e encolhido de quem está apreciando a manhã de outono, começam a trocar algumas palavras a respeito do sermão que acabam de ouvir. Ainda de braços cruzados para fechar os casacos, vão-se agrupando, se cumprimentando, movimentando-se lentamente para receber o sol mais de frente e, enquanto um chuta uma pedrinha e outro esmaga com o pé uma folha seca, num movimento preguiçoso, ouvem-se comentários à prédica daquela manhã: “— Uma pedrada!” “— Uma paulada!” “— Barra pesada!”

*Comentários
estranhos!*

Um transeunte que tivesse presenciado esses fragmentos de conversa de um fim de igreja talvez arriscasse supor que se tivesse falado, naquela manhã, de Caim e Abel. Ou, quem sabe, das causas reais da morte de Estêvão. Mas, na realidade, nada mais eram que jargões utilizados para expressar o fato de terem sido profundamente abalados pelo sermão; teria sido uma palavra pesada de advertência, que produziria um sentimento de temor e responsabilidade. Talvez uma daquelas repreensões de que jamais um fiel se esquece.

*Cena comum
de um fim de
reunião*

Nossa reportagem se aproxima de um grupo e apura que realmente havia sido uma repreensão. No caso, ela havia assumido um tom duro e dramático porque não era a primeira nem a segunda vez que o pregador chamava a atenção para o problema. E agora, havia chegado ao ponto de — com muita sutileza, é bem verdade, mas com suficiente clareza — dizer que Deus não gosta aquele tipo de devoção. Mais ainda, que, a ser um fiel daquele tipo, melhor não ser nada.

Está tudo errado!

Em um outro grupo — e a esta altura a igreja já havia saído toda para a calçada, formando aquele burburinho da mistura das conversas com a algazarra das crianças — nossa equipe encontra um irmão visivelmente transtornado, falando baixo, mas gesticulando alto, como quem quer ser bem compreendido, mas pouco ouvido.

Ele estava certo que o sermão havia sido dirigido especificamente a ele, porque o assunto tinha sido abordado em reunião na casa de um dos irmãos e, na discussão do tema, havia ele citado Filipenses 2.13, para demonstrar que, se “é Deus quem efetua tanto o querer como o realizar”, não adiantam muito as admoestações quanto a um comportamento conveniente.

Pegou na testa

—Temos que esperar por Deus, dissera ele, porque “se Deus não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam”. Certamente já foram contar tudo!

Esse é esperto...

E havia ficado mais bravo ainda quando alguém, no grupinho de porta de igreja, argumentou que “se é Deus quem efetua o querer e o realizar”, ele não devia ficar ressentido com o pregador, pois o sermão não teria sido dele, e sim de Deus.

Tadinho. Puxaram o tapete dele

Situações como essas não são absolutamente raras. Na realidade, são tão comuns que podem ter acontecido na sua comunidade; e com esta ou aquela modificação no roteiro, você saberia citar datas, nomes e, talvez, até o título do sermão. Mas o que é triste nisto tudo é que, muito provavelmente, você vai fazer uma avaliação sincera de tudo o que aconteceu desde então, e chegar à conclusão de que muito pouco mudou: as pessoas continuam citando “o que quero, não faço, e o que não quero, isto faço”, do Apóstolo

Paulo (Romanos 7,15) para explicar a razão de não terem crescido; de não ter fim o mexerico, a maledicência, a fofoca, os melindres, os grupinhos fechados, as divisões e cisões da comunidade, e tantos outros probleminhas com os quais “temos que conviver, enquanto formos seres humanos”.

Atenção: estou falando com você

— Se Paulo, que era o São Paulo, tinha esse problema, quem sou eu para esperar algo melhor de mim?

Romanos 7 sendo usada como muleta teológica

O pregador, naquela manhã, estava realmente um pouco exasperado. Ele não queria abrir mão de sua convicção de que não “precisava” ser assim. E ele pregou sobre apenas um versículo: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (João 13,34). E a palavra dura que se abateu sobre aquela comunidade também veio pela pena de João: “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” (I João 4,20).

Tive um amigo que dizia: “Jesus que era Jesus foi crucificado, que posso eu esperar das pessoas?”

Um critério interessante

Sem cosméticos

Está colocada a questão: O que é, realmente, devoção, e quais os limites reais de nossa adoração? Em outras palavras: conhecendo-nos como nos conhece Deus; sabendo de nossas fraquezas e imperfeições, o que espera ele de nós, para que possamos viver uma vida de relacionamento íntimo e real com ele? Na realidade, o que estamos querendo saber é o significado, em termos humanos, concretos — e para o homem apressado do século XXI — da palavra “religião”. Estamos querendo saber qual é o centro das Escrituras; a quê ela pode ser resumida, sem se perder sua essência, sem desfigurar sua mensagem principal.

Vamos falar francamente?

Nosso desejo é trazer alguma luz sobre este tema, com a oração de que possamos, de forma concreta, real e progressiva, despirmo-nos de nossa “roupagem eclesiástica”; desintoxicando-nos de nossa embriaguez dogmática, tirando nossa máscara de piedade e, assim, limparmo-nos dos “cosméticos espirituais” que ao longo do tempo foram retocando este ou aquele aspecto de nossa aparência de cristão, para percebermos que finalmente vai-se formando em nosso modo de pensar, agir e reagir a verdadeira imagem

12 — Imagem e Semelhança

Se você não é um
"religioso", não
faz mal. Vá em
frente

Rm 8, 29

e semelhança do Senhor, por ele criada para poder com ela conviver em harmonia e amor. Ou seja, que possamos tomar posse da promessa de virmos a ser conformes "à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos".

2. Vida ou Morte

Eram 10h30 da manhã, quando aquela moça desconhecida deixou seu quarto de hotel. Ele não morava ali; estava a serviço naquela cidade grande e, por força do trabalho, tivera que ficar o fim de semana longe de casa, para concluir os negócios na segunda-feira e voltar.

Uma noite a dois

Conhecera a moça por acaso, num jardim da cidade. Ela era bonita. Parecia ser de boa família, moça de certo nível social. Conversa vai, conversa vem e aquela possibilidade remota, trancafiada no coração a sete chaves nesses dez anos de casamento feliz, explode de repente, como um desejo incontido. Não foi preciso palavras. Talvez um quê no olhar dela tenha tido o poder de disparar um dispositivo secreto. Talvez a situação fosse parecida demais com certas fantasias que ele conscientemente não aceitava, mas que o visitavam vez por outra sem que ele tivesse a força para bani-las para sempre. Talvez a distância de casa, a saudade...

Por que explodiu? Fraqueza?

Ela não disse seu nome; e ele nem se lembrou de perguntar. Não pediu dinheiro. Deu-lhe um beijo, um adeus e se foi.

Ele consultou o relógio e se lembrou que o culto estaria acabando em sua igreja. E que sua esposa estaria chamando as crianças para o carro, com pressa para terminar o almoço. Alguém em quem ele poderia confiar estava ali. Dali a algumas semanas comemorariam seu décimo ano de casamento. Estavam planejando um culto de ações de graças e uma viagem sozinhos. Não iam muito longe, pois o dinheiro estava curto; mas queriam um tempo para uma segunda

Sem conseqüências, sem dramas, sem traumas...

...aparentemente

Sem traumas? lua-de-mel. Há tanto tempo que não se namoravam...

A parte difícil da história

Há momentos em que desejamos que tudo não tenha passado de um pesadelo...

... ou que não tenhamos que acordar para enfrentar...

...como a criança que "fica doente" para não ter que ir à escola

"Meu cachorro me sorriu latindo..."

Estava olhando-a de baixo para cima, desta vez

Simplesmente não quis sair da cama. Estava bem, mas não tinha forças. Não tinha porquê. À medida em que as horas passavam e que a cabeça girava, percebia que não queria sair dali nunca mais. Ligou a televisão para se distrair. Quando deu pela hora já era tarde e ele não tinha nem tomado o café da manhã. E quando se lembrou disso, lembrou também do porquê. E isso ele não queria lembrar. Quando amanheceu a segunda-feira, ele teve que se levantar, apesar da noite mal-dormida. Os negócios não podiam esperar.

A terça-feira chegou. Ao abrir o portão de casa, foi recebido efusivamente pelo cachorro, e depois pelo filho mais velho, que brincava no quintal. Quis acreditar que tudo estava como antes, mas quando olhou nos olhos da esposa, confirmaram-se seus mais, profundos temores: alguma coisa havia morrido nele. Não era ele; ele estava bem. Beijou-a carinhosamente e apreciou a já conhecida festa de recepção. Também não era ela; ela não sabia de nada e tratava-o como de costume; estava até mais bonita, alegre, imponente. Tinha algo de rainha nos movimentos e no olhar ... Era algo que ele não via mas que agora percebia que sempre havia existido entre eles. Como que uma atmosfera comum: um ar que somente os dois podiam respirar — que havia desaparecido. Um elo de ligação. Sim, havia algo que fazia com que ele se sentisse nela e ela nele; algo que fazia que ele fosse um pouco ela. E isso não mais existia. Ele não podia dizer como ela estava se sentindo, mas para ele, sua esposa não era mais "ele" como ele, e sim uma pessoa diferente e fora dele. Isso! Estava claro, agora! Ela tinha morrido dentro dele. Permanecia bem, do lado de fora, mas aquela que vivia com ele, mesmo na sua ausência, ele a tinha matado. Pensando bem, talvez fosse melhor dizer que ele é quem tinha morrido para ela, porque a dona daquela imagem não parecia sofrer com isso e ele sim.

Transgressão provoca morte

A esta altura de nossa história começamos a pensar em ajudar nosso amigo. E a primeira coisa a fazer é ajudá-lo a compreender que realmente houve uma morte dentro dele.

Embora isso passe despercebido para a maioria das pessoas — principalmente para aquelas que não têm o temor do Senhor —, quando nosso protagonista traiu sua esposa ele estava decretando o rompimento de laços de compromisso superiores à sua própria vida em importância (o conceito de honra não é colocado aqui com esse nome porque não faz mais parte de nosso dia-a-dia, e a maioria das pessoas não saberia compreendê-lo em todo o seu significado, como provavelmente não compreende porque pudesse alguém, no passado, preferir morrer a viver sem ela). Mais que isso: ele estava introduzindo em sua vida um fato que se define precisamente como anti-ela; anti-esposa. Esse “anti” quer dizer que esse fato, ao entrar em contato (sendo presenciado ou chegando ao conhecimento dela) com sua esposa, produz uma instantânea morte ou destruição do possessivo “sua” (de “sua esposa”) que define exatamente tudo o que os liga. E esse “tudo” é muito mais que um simples contrato. É uma aliança. Boa parte das pessoas é capaz de perceber essa morte no momento em que a parte traída tem conhecimento (entra em contato com o “anti-ela”) do fato. Mas poucos se dão conta que esse fenômeno ocorreu no momento em que se consumou o fato. E isso leva muitas pessoas a se preocupar apenas em não ser pegas. Como se o crime perfeito não fosse crime!

Morreu a relação

Honra? Você ainda acredita nisso?

Se você acha que estamos sendo moralistas e piegas, espere acontecer com você e verá como se enche de razão

Aliança é muito mais que contrato. Alianças provêm de amor

Crime perfeito merece prêmio?

Confissão: o caminho de volta à vida

A segunda ajuda que Ihe poderíamos prestar seria mostrar-lhe que somente uma pessoa tem o “poder” de dar nova vida ao que morreu: a própria esposa. É ilusório pensar que o tempo vai resolver. Não tem sido esta a experiência da humanidade. Ao contrário, o que se percebe é que à medida em que escondemos nossos delitos “nossos ossos envelhecem dentro de nós” — essa é a forma poética utilizada pelo rei Davi, para expressar sua compreensão e experiência desse princípio (Salmo 32,3-5).

Armadilha: “vamos botar uma pedra em cima disso”

Sim, é necessário que ela profira uma nova palavra criadora; como a primeira, que “deu vida” ao seu marido; a esse estado de compromisso e fusão de vidas. E para isso ele precisará chegar a ela e confessar sua falta; convencê-la de

A necessidade de um novo "sim" que está, neste momento, reafirmando, de sua parte, aqueles compromissos. E, agora, com um maior conhecimento "do bem e do mal", ou seja, das possibilidades concretas que tem de rompê-los. Mais que isso: precisará fazê-la crer que, em sua mente, ele solenemente mata, destrói, o fato que provocou sua morte para ela.

Romper os compromissos, bem entendido

Em outras palavras, ele estará dizendo que, se pudesse, ele voltaria no tempo e, com o coração que agora tem, naquele jardim, faria vencer seu compromisso com ela, mantendo-o vivo por uma decisão que na época não tomou. O termo técnico para esse processo de convencimento do outro é "confissão"; o sentimento forte e regenerador que impulsiona essa "confissão" se chama "arrependimento". Quando os dois ocorrem numa pessoa de forma genuína, provocam na parte ofendida uma necessidade urgente, um desejo intenso de restituir a vida àquilo que havia morrido. E o termo técnico para esse passe de magia é "perdão". Talvez o fato mais sublime e encantador que se possa presenciar neste nosso mundo seja o momento em que o que estava morto volta à vida. Quem já presenciou, em sua própria vida ou na de outrem este momento, jamais o esquece. Este momento também tem um termo técnico: chama-se "restauração".

Arrependimento => confissão

Perdão: o ato divino produzido por reles humanos

Restauração => tudo novo

Como crianças recém-nascidas

No entanto, talvez ainda não tenhamos dito tudo o que esse amigo precisa saber. Seria incompleto deixá-lo pensar que a "restauração" se completa integralmente no ato do "perdão". Não é assim. A "restauração" não é um momento, mas um processo.

Assim como um bebê só cresce e vem a ser um adulto se passar pela concepção, por um período de gestação e pelo ato do nascimento, tendo, depois, que ser alimentado, cuidado e protegido para que possa amadurecer e desenvolver suas potencialidades ainda latentes, assim também ocorre, tanto com a morte quanto com a restauração de um relacionamento espiritual (vamos deixar claro: estamos falando de ligações que vão muito além de um contrato. Elas envolvem anseios, necessidades, aspirações e emoções. São a fusão de

Esperre aí. Ainda não acabou

duas almas, de dois espíritos — Gênesis 2,7,24).

No caso de nosso exemplo, a morte do “marido” em relação à esposa não ocorreu por acidente, como se costuma supor nestes casos. É bem verdade que as circunstâncias se apresentaram ideais. Mas esse “assassinato”, ou “suicídio” já havia sido concebido há muito tempo. Um monstrozinho que não foi eliminado logo que foi percebido. O marido consentiu em conviver com uma idéia-monstro; uma fantasia-monstro; como quem consente em conviver numa casa com uma cobra venenosa que nasceu na lareira.

— Eu não a alimento, nem cuido dela; portanto, não tenho compromisso com ela, nem sou seu amigo.

Mas também não a mata nem a leva para a floresta, onde é o seu lugar. Sabe o perigo que corre, que vai crescendo proporcionalmente ao tamanho dela. Mas por quê não a mata? Esta é a questão. Ao nível da minha razão eu não tenho muitos argumentos; posso pensar em alguns:

— Tenho pena dela; estou vigilante, deixe que ela fique lá, tadinha; quem sabe não será uma cobra boazinha? Espere que ela cresça mais que eu a levo para o mato etc.

Na realidade, lá no fundo, algum mecanismo perverso do meu ser sabe que vai chegar o dia da picada. E o que é pior: deseja secretamente este dia. Esta é uma realidade espiritual (Tiago 1,14,15) que deve ficar bem clara para nosso amigo, para que ele aprenda a matar os monstros de sua vida enquanto estão nascendo.

Mas a mesma lei se aplica ao processo de restauração. O arrependimento poderia ser — grosso modo — associado a um feto que, concebido, vai crescendo; se ele não for sufocado pelo orgulho, pelo medo, ou por outra erva daninha qualquer, com a qual terá que disputar a “luz do sol” e os “nutrientes do solo” (Lucas 8,7), chegará o momento do nascimento. Esse momento precisa ser vivido a dois: de um lado, o marido entra com as dores e o esforço da confissão; do outro, a esposa entra com o perdão, que chama para a luz e à vida.

Bem, agora temos uma frágil criança para cuidar. Seria loucura abandoná-la aos seus próprios cuidados. Se

Relações à imagem e semelhança do Criador

Termos excessivamente fortes? Mas estamos justamente falando de vida e de morte

Brincando com fogo

Chamo isso de “a volúpia da picada”

Um momento difícil a dois: o momento do “haja luz”

não falecer por si só, corre o risco de ser atacada por algum animal ou inseto (I Pedro 2,2,3). Quando estiver grande, poderá ser considerada capaz e viver sem os nossos cuidados. E aqui está a lição sobre “restauração”: ela terá que ser cuidada, zelada, alimentada para vir a se tornar um adulto que pode se cuidar.

Recém-nascidos dependem dos pais

E como traduzir isto para nossa história? Podemos observar esse processo por dois ângulos: o da esposa que perdoou e o do marido que se arrependeu.

Pelo lado da esposa, ela terá a missão de “jogar no fundo do mar”, esquecer-se daquele erro do esposo, de forma que ele se sinta fortalecido ao seu lado, e os laços que se refizeram voltem a crescer e se robustecer.

Criança precisa de cuidados

Mas não é só isso: terá que estar atenta para ajudá-lo, se ele Ihe pedir ajuda para acabar com algum monstinho que queira se instalar em sua vida. Esta ajuda precisará de muita sabedoria da parte dela, porque ele terá muita dificuldade de procurá-la para “oferecer-Ihe” (como nos holocaustos pagãos, em que se ofereciam os filhos aos deuses) esse entezinho ainda em formação. Mas se, ao invés de reprovação, encontrar compreensão; no lugar de repreensão, encontrar apoio; no lugar de repulsa, achar amor, ele chegará a ela. E o ato de Ihe “oferecer” essa tentação decretará sua morte: esse monstinho é *fotofóbico* e *anaeróbico*: só vive em lugares escuros e abafados. No momento em que entra em contato com a luz e com o ar puro, morre rapidamente (João 3,19-21). Sim, ela precisará construir um clima de confiança e compreensão, e estará garantindo que nunca mais aquele monstinho volte (João 4,13,14; 6,37; 7,37; Romanos 8,31-39).

O papel do perdão dinâmico

Pelo lado do marido, ele terá que assumir conscientemente atitudes que correspondam às expectativas da esposa, tanto na área em que caiu, quanto em outras, porque ele agora conhece o princípio perverso da gestação do mal (João 15,4-10). Assim como no ato da confissão não houve lugar para “desculpas” — no sentido da palavra: “eu não tive culpa” —, assim também não pode ele se valer desse expediente agora, a não ser que se tratem de fatos em que realmente não

participou. A desculpa é o anti-arrependimento.

Assim, uma confissão mesclada com desculpa é uma confissão podre; e quem perdoa alguém que apresentou desculpas participa de uma farsa. O pedido de perdão é um “sacrifício”, em que eu ofereço e imolo o objeto de minha culpa. Eu o descubro, eu o apresento, em todos os seus aspectos e ângulos (para minha vergonha) e o mato, na presença daquela pessoa a quem ele fez mal. Aceito o sacrifício, pela pessoa ofendida, nós o enterramos para sempre!

Perdão ≠ desculpas

Pedido de perdão => sacrifício em vários sentidos

A desculpa tem o seu lugar: eu posso precisar explicar a alguém que não participei nem contribuí para com algum fato em que fui envolvido. Eu não tive culpa. Não é, portanto, o caso de arrependimento, confissão ou perdão. É muito menos de restauração. Não houve morte de nada. Não há necessidade de sacrifício, da morte de algo que me é muito caro (porque, em um certo sentido, sou eu mesmo morrendo), e muito menos de ressurreição. Quando peço perdão, verdadeiramente, eu mato o monstro da culpa. Quando peço desculpas, entendo que não há monstro nenhum.

O erro está em se confundir as duas coisas: confissão e desculpas. Isso é muito comum. A desculpa usada no lugar de confissão produz relações mortas, com aparência de vivas (Apocalipse 3,1-3). Desculpas não produzem vida, porque não estão apoiadas em arrependimento. E somente o arrependimento “gera” a confissão para a restauração (Lucas 24,27). E essa confusão certamente será a principal causa da enfermidade de nossa sociedade. Uma sociedade moribunda, composta de famílias moribundas, de amigos moribundos, de parentes moribundos. Todos se sentindo muito bem, normais e sem culpa! E as pessoas continuam procurando os psiquiatras e psicólogos, desajustados que se encontram, por algum motivo desconhecido; enfrentando depressões profundas e terríveis, sem saber que sua forma superficial de tratar o problema da culpa as têm levado para perto da morte. Fazem de suas consciências um terreno de depósito de “lixo atômico” e estão preocupadíssimas porque na superfície as margaridas não querem crescer, por mais que adubem a terra. A essa imagem, eu prefiro os campos de girassóis da Rússia!

Confissão ≠ desculpas

Desculpas não produzem vida

A confusão dos conceitos tem produzido enfermidade e morte

3. Mandamentos Absurdos?

São 10h30 da manhã. Aquele homem está saindo da igreja com sua família. Ele acaba de ouvir um sermão sobre pecado, arrependimento e perdão. Ele já sabia o que precisava fazer, embora estivesse sem coragem. Sentia no seu íntimo que algo muito sério havia acontecido, mas temporizava com o pensamento de que poderia ser complexo de culpa, pelo fato de ser cristão antigo e sempre ter ouvido na igreja que isso era errado. “Talvez por ser a primeira vez, a gente fica com sentimento de perda. Algo ligado a essas pieguices de virgindade.”

Mas agora ele havia compreendido tudo e estava disposto a confessar-se. No momento de “contrição” ele havia confessado seu pecado a Deus, recebido, pela fé, seu perdão e suplicado forças para ir em diante. Sentia que aquela confissão a Deus havia produzido uma força especial em seu interior.

Mandou as crianças para a casa dos avós.

O que aconteceu naquela tarde de domingo é íntimo demais para cair no domínio público. O que se pode dizer é que houve confissão, perdão e restauração. À noite, procuraram o pastor da igreja, para, com sua ajuda, rerepresentar seus votos de amor eterno. Uma espécie de recomeço; novo nascimento. Uma atitude muito coerente, por sinal, com a nova compreensão que tinham do que havia realmente ocorrido entre eles.

Racionalização: uma saída confortável, a curto prazo...

Contrição: momento litúrgico de auto-exame e humilhação

Começou por onde podia, mas começou

Uma cena rara, hoje em dia...

... piegas, para os sábios de botequim

Soberania de Deus x responsabilidade humana

*Em cena, o
acusador*

De tudo o que foi dito, no entanto, uma coisa ficou martelando na cabeça daquele homem. Na hora ele sequer pensou em questionar. Mas agora, ele sentia que talvez tivesse sido um pouco leviano ao se comprometer, diante de Deus, a amá-la “na riqueza, na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe”. Não que ele não quisesse esse compromisso, não. Ele estava disposto, mesmo. Mas ele já havia feito essas promessas uma vez... e falhado! Na realidade, ele teria preferido ouvir uma palavra de segurança, da parte do pastor. A bem da verdade, ele a havia ouvido mas não sem uma pontinha de desapontamento. É que todas as promessas que ouviu da parte de Deus continuam, implícita ou explicitamente um incômodo “se”. E esse “se” era justamente sua parte.

*A incômoda li-
berdade continua
de pé...*

E a porta, aberta...

O ideal mesmo seria um tipo de promessa de Deus mais ou menos no sentido de que ele estaria protegido de si mesmo. Ele esperava, do Deus todo-poderoso, algo parecido com: “você se arrependeu, me buscou com sinceridade, e pediu a minha ajuda, eu não permitirei que os seus pés vacilem e tal”. E o que realmente ouviu foi mais para o lado de: “se você for fiel até à morte, então...”

É fato que essa atitude, da parte do pastor, da esposa e, naturalmente, de Deus, revelava uma grande dose de confiança nele: na sinceridade de seu arrependimento e de seus propósitos. Seria, contudo, justo, esperar dele a força para cumprí-los? Não seria uma carga pesada demais para quem já caiu uma vez?

*Promessa de
amar?! Loucura!
Todos sabem que
isso está fora do
nosso controle!*

Quanto mais pensava, mais angustiado ficava. E não era tanto pelas promessas de fidelidade. O que estava crescendo dentro dele eram as promessas que fizera de amar sua esposa. Isto, ele considerava mais fora ainda de sua capacidade de assumir responsabilmente. Como responder por um sentimento? E como sentir amor quando estivessem brigados, ou azucrinados pela crianças? Ele sabia que nessas horas ele não seria capaz de manter a promessa. E isso o deixou com uma crescente sensação de estar sendo hipócrita.

Esse nosso personagem parece ser um homem muito comum. Bastante sincero, franco, simpático... e comum.

Quem sabe não se chama José, ou João? Mas o que nos faz achá-lo comum é que suas dúvidas são bem parecidas com as de milhares de pessoas que, de alguma forma, desejam viver uma vida coerente com suas crenças.

Estou falando com você, leitor

Neste momento, ele está às voltas com um dos grandes problemas de Teologia. E, como tantos outros, corre o risco de jamais chegar a uma conclusão satisfatória. Pode, até mesmo, no desespero dessa busca, optar comodamente pela “soberania de Deus” e responsabilizá-lo pela próxima queda, esquecendo-se de sua parte, das promessas que acaba de fazer. Ou então, assumir uma postura neurótica de auto-vigilância hipocondríaca, achando que não vai ser capaz de resistir a cada embate; passará a viver na dependência do pastor, seus conselhos (já repetitivos) e suas orações tranqüilizantes.

*Hipocondríaco
= doente por
prazer.*

*Homeopatia
pastoral*

A tesoura teológica

Uma figura que, conquanto não equacione a questão da “responsabilidade humana x soberania de Deus” em todos os seus desdobramentos, poderia, no entanto, ajudá-lo a resolver seus problemas mais práticos e imediatos seria a da tesoura. A imagem consiste em que o instrumento é formado por duas partes articuladas. Nenhuma das duas corta sozinha. No momento em que cortamos papel, não se pode dizer que foi esta ou aquela lâmina; seria absurdo.

*Uma proposta
prática*

Assim, a tesoura que “corta” o pecado, que vence o mal, que ama a esposa ou o marido etc., é uma conjugação de duas partes: a de Deus e a do homem. Sem Deus o homem é incapaz de crer, amar, lutar ou sequer mover-se, assim como uma só peça não corta o papel. Mas Deus exige uma participação do homem, como a outra lâmina da tesoura. O homem sem Deus é como uma tesoura de uma só lâmina. E Deus, na sua sabedoria insondável, prefere esperar pela participação do homem para “cortar” qualquer coisa. Que coisa incrível! Deus nos elegendo como seus cooperadores em sua ação no mundo (2 Coríntios 6,1). Porque ele age assim eu não sei, mas parece que tem prazer nessa parceria.

*No mundo e em
nossa própria
vida*

Não há, portanto, absurdo algum em esperar que nosso amigo cumpra as promessas que fez; e nem há excessiva

carga sobre ele. A menos, é claro, que ele se aventure, como muitos presunçosos, a querer “cortar” sozinho...

Amor ≠ afeição

Quanto à questão do “amar”, em si, fica mais fácil aconselhá-lo. Ocorre que ele está confundindo o amor bíblico com o fato de gostar. Amar e gostar não são a mesma coisa na Bíblia. Ela não nos ordena que gostemos de nossas esposas, de nossos inimigos, daqueles que nos perseguem. É evidente que o plano de Deus é que venhamos a, sinceramente, gostar muito deles; tanto da esposa quanto dos inimigos. Mas ele tem a sua parte da “tesoura” reservada para quando nos dispusermos a obedecer. E, para que pudessemos obedecê-lo, ele nos deu ordens à razão e à vontade. Sim, “amar” é um ato da vontade; é “querer o bem”; é fazer o bem; produzir, proporcionar o bem; é evitar que o mal aconteça ao próximo. Isso Deus sabe que está ao nosso alcance. E se apresentarmos a ele essa nossa metade da tesoura, ele produzirá a tesoura perfeita: a afeição. C. S. Lewis fala de um princípio espiritual, pelo qual o “amar” produz o “gostar”. Diz ele que o que diferencia o cristão do não-cristão “não é que este só tenha afeições ou preferências, e que o cristão só tem “caridade”. O homem mundano trata bem certas coisas porque ‘gosta’ delas; o cristão, procurando tratar bem a todos, sente que gosta de um número cada vez maior de pessoas, inclusive pessoas de quem não poderia nem imaginar que viria a gostar”.

Quem sabe se não é esta a lei espiritual, no caso do “amor”, a própria “outra lâmina da tesoura”?

4. A Verdadeira Adoração

Nosso leitor pode estar pensando, a estas alturas: já são 10h30 e ainda não percebi onde o autor quer chegar com essa historietinha comum. O que tem isso a ver com *“imagem e semelhança: a falência dos cosméticos?”* A julgar pelo título, apesar de um tanto diferente, esperava que se fosse tratar de algo ligado a Deus, mas parece que o assunto é *“vida conjugal”*.

Ainda não deu para entender?

Propomos uma releitura

O leitor terá razão em achar que não há muita novidade no que foi tratado até aqui. Queremos sugerir, no entanto, uma nova ótica para esse mesmo relato; uma nova forma de lê-lo. E essa nova abordagem consiste em tentar se colocar na pele do nosso personagem principal. Em seguida, procure transferir o papel de sua esposa para a pessoa de Deus.

Novos papéis: o marido é você; a esposa, Deus. E Deus continua sendo Deus.

A Bíblia sugere uma figura conhecida para exemplificar seu relacionamento com o homem: a figura do noivo e da noiva. Cristo é o noivo, e a igreja a noiva. A noiva somos nós. Em várias passagens dos evangelhos Jesus apresenta parábolas com essa imagem. O Apocalipse culmina com as bodas do Cordeiro. O livro de Oséias relata uma história de amor e traição entre marido e mulher. O fato é que essa alegoria aparece muito frequentemente nas Escrituras, abordando diversas facetas desse relacionamento.

Leia Cantares de Salomão

Alguns probleminhas aparecerão em sua tentativa de releitura. Um deles consiste no seguinte: se a esposa é Deus, quem fica sendo o próprio Deus? Resolva isto mantendo Deus como Deus. Isso não atrapalhará as conclusões que você poderia tirar dos exemplos apresentados. Outro problema: quando o marido e a esposa se apresentam diante de Deus. Apresente-se, simplesmente (como quando o marido se relaciona com a esposa), ao próprio Deus. Outro ainda, surge quando você não nota a participação da esposa no processo de arrependimento do marido. Acreditamos que Deus nos conduz a esse arrependimento, de alguma forma, por seu Espírito.

Deus é mais "gente" que a esposa, quanto ao arrependimento

E o que queremos com tudo isso? Queremos apenas apresentar, de forma compreensível, alguns elementos da história da humanidade, conforme é relatada na Bíblia, esclarecendo aspectos e implicações da queda do homem e do plano divino para sua "religare" (religião).

Algumas questões consideradas "encobertas" aparecem, a partir da historieta, como de fácil compreensão. Por exemplo: "No dia em que pecares, certamente morrerás". Muitos argumentam que não houve morte. Outros, que a morte só ocorreu muitos anos depois, e não "no dia em que pecares". Nossos exemplos tornam esse aspecto compreensível, e demonstram que a morte — entendida agora como uma separação espiritual, uma destruição completa dos elos de ligação existentes, destinando o homem a uma existência longe de Deus e em trevas profundas — realmente existiu naquele momento histórico.

Pecaram e morreram. Só!

Imagem e semelhança

Bem, o que se tem pensado até aqui tem outro objetivo. Aquele de lançar as bases para a compreensão da forma como Deus espera se relacionar conosco e que expectativa tem a respeito de nossa resposta a ele.

O que Deus espera de nós?

Vamos lá:

Imagino que, ao criar nosso mundo, Deus tenha pensado em coroar toda a sua obra com um ente quase perfeito. E perfeição, aqui, significaria semelhança consigo mesmo. E o fez: criou o homem à sua imagem e semelhança. Mas em quê

consistiu essa semelhança? Na inteligência? Na capacidade de auto-controle? Na capacidade de produzir sofrimento aos outros (o homem é o único animal capaz disso. Os outros produzem dor, apenas)?

Imagino Deus conversando consigo mesmo: “Faremos o homem com a faculdade que nos caracteriza melhor: o amor”. E, para isso, dotou-nos com uma capacidade singular, superior; fez-nos pequenos deuses (Salmo 8,5).

Essa capacidade tem características assombrosas: o amor, para ser amor, tem que ser espontâneo; tem que partir do íntimo.

O amor não pode ser forçado: jamais pode ser a resposta automática ao comando: “ame-me!”. Por isso, um autômato não ama. Alguém que respondesse, contrariado, a uma ordem de amar, estaria apresentando qualquer coisa, exceto o amor genuíno.

Outra característica desse traço do Criador, deixado na criatura, é que o amor implica a possibilidade de ódio; ou, pelo menos, de não-amor. Uma criatura que fosse realmente capaz de amar teria que ser uma criatura capaz de não-amar; ou de odiar.

Os dois lados da moeda

Assim Deus concebeu, assim Deus fez. E preparou para o homem um lindo jardim, expressão de seu amor, para nele, desfrutar e ser desfrutado, nesse relacionamento profundo, de seres semelhantes que espontaneamente se dão um ao outro; sendo capazes, também, de apreciar as ofertas a eles destinadas, em todas as suas nuances. E Deus deu vazão à sua própria natureza amorosa e paternal, cobrindo o homem de carinho e atenções, na expectativa de que, pelo próprio princípio que rege as relações de amor, o homem retribuísse com gratidão, a princípio; com afeto, em seguida, e, quem sabe, com o desejado, sofrido, ansiado e esperado amor filial.

Um amor que anseia por reciprocidade: humano ou divino?

Amor e compromisso

Aí está uma tosca descrição dos elos que uniam Deus ao homem que criara: elos de compromisso, de lealdade, de auto-doação, de afeição singela, de envolvimento total. Elos

O amor que
Vínicius não
conheceu

profundos, sublimes e perfeitos. Sem lugar para impaciência, malignidade, ciúmes descabidos, orgulhos e soberbas de um em relação ao outro; sem espaço para inconveniências, egoísmos, exasperações, ressentimentos, falsas alegrias e injustiças. Um amor que tudo aceita, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Enfim, um amor eterno.

Muito bem. E que resposta deu o homem a toda essa demonstração de amor? Que uso fez de seu mais sublime atributo? Como aplicou seu principal dom? Essa história nós conhecemos bem. Não somente porque nos foi contada quando éramos pequenos, mas, principalmente, porque a temos reproduzido em nossas vidas depois de grandes.

E agora, Deus anda à procura de pessoas que aceitem aquele tipo de relacionamento.

Um Deus caren-
te?! Um Deus
amante

Que coisa fantástica! Deus à procura de algo! Ele não dá um estalido de dedos, ou uma ordem: “haja!”, como quando criou o universo. Não! Eles as procura!

Adoração: resposta a um amor perfeito

Um mergulho ao
centro da forma
litúrgica

O Evangelho de João, em seu capítulo 4, até o verso 30 nos relata o encontro de Jesus com uma mulher samaritana, à beira do poço de Jacó. Da conversa, ela percebe que está falando com alguém com poderes especiais. Aproveita, então, a oportunidade para tirar uma antiga dúvida: onde se deveria adorar a Deus? Naquele monte ou em Jerusalém, como que a indagar o local onde Deus aceitaria o serviço de seu povo. Então Jesus responde de forma inesperada: já havia chegado a hora em que as formalidades litúrgicas não seriam o mais importante para Deus, mas sim o estado de seus corações. Jesus diz que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. E acrescenta: “são estes que o Pai procura para seus adoradores” (v. 23).

Quando o homem deu sua trágica resposta às propostas de amor de Deus, ele passou a viver uma vida de pecado. Que significa isto e que tem a ver com o fato de Deus procurar adoradores? Para respondermos precisamos conceituar pecado e apontar algumas de suas aplicações.

As propostas de relacionamento de Deus não foram

— e não são — um mero capricho ou uma série de padrões que ele arbitrou, ou que houve por bem nos impor. São mais que isso: são decorrentes de sua própria natureza; de sua personalidade. Não poderiam ser de outra forma. Não poderiam ser menos puras, absolutas, completas e exigentes. Não poderiam ser menos que o próprio Deus é. Por este motivo, a transgressão de Adão não deixou alternativa a Deus senão a separação.

Em nossa historieta, nos primeiros capítulos, pudemos sentir como a traição do esposo criou um grande abismo entre os dois, e que a única solução possível foi o arrependimento, confissão, perdão e restauração. Se isso ocorre entre nós, que não somos os criadores ou inspiradores de tais padrões, imaginemos a separação que ocorre entre nós e o Deus santo.

O maniqueísmo não é uma praga; tem seu lugar. A não ser para os que só aceitam a penumbra...

... onde todos os gatos são pardos

Q “outro” em casa

A título de exemplo, suponha que uma esposa traga um amigo seu de trabalho para o jantar. Isto não trará qualquer problema para o esposo. Mas suponhamos que ela, depois do jantar, anuncie que está apaixonada por esse “amigo” e que ele vai passar a viver na casa. O que ocorre com o marido? Acham que ele deveria ser humilde, manso e compreensivo, e deixar as coisas assim? Acham que ele, ainda assim conseguiria sentar no sofá, depois da sobremesa e bater um alegre “papo” a três? Acredito que isso só seria possível para alguém cujo amor há muito se foi, e cujo conceito de casamento perdeu inteiramente o sentido.

Sangue de barata?

Aquele “outro” é o anti-marido, o anti-companheiro, o anti-amor da esposa por ele, o anti-ele. É impossível, pois estar ele onde o “outro” está e permanecer sendo o que era para a esposa; alegrar-se com a comida que ela prepara para o “outro”, com o arranjo de flores da sala, inspirada pelo amor do “outro”. Tudo o que ela faça ou deixe de fazer, se tem como objeto ou fonte de inspiração o “outro”, ofende o marido e não pode ter, portanto a sua participação e aprovação.

O “outro”: anti-matéria relacional

Imagine agora, esta situação ampliada ao nível do amor, das expectativas, das exigências, mesmo, de um ser absolutamente puro. É possível que ele possa conviver, participar, estar presente, quando praticamos alguma ação inspirada no “outro”, mesmo que esse “outro” sejamos nós mesmos? Não! Ele não pode participar disso. Essas ações ou pensamentos ou omissões são, por natureza, anti-Deus.

Inferno: ausência de Deus

Ora, se Deus não pode estar presente, participar, envolver-se, mas, ao contrário, tem que se afastar de qualquer situação ou manifestação nossa, que ofenda a sua natureza santa, e rejeite seu amor por nós (que podemos, agora denominar de pecado), o que nos resta? Resta-nos a opção de fazer as coisas em que ele pode e quer estar presente, ou pecar, afastando-o. Às primeiras, chamaremos de adoração; às segundas, pecado. Concluímos, assim, que, ou Deus está presente e totalmente envolvido em nossos atos, ou não está; ou Ihe oferecemos o que somos e o que fazemos, em adoração, ou pecamos.

Conhece uma
fórmula mais
branda:

A esse respeito, João nos informa que onde Deus está há luz e vida, e onde ele não está, morte e trevas (João 1,4,5), o que coincide com a afirmação do salmista, de que Deus habita no meio dos louvores. Entenda-se, aqui, louvores como adoração; ou seja, todos aqueles atos, estados de espírito, pensamentos, reações etc., nele inspirados e a ele oferecidos.

A verdadeira adoração

Não esgotamos, no entanto, o texto de João 4. E nem a nossa necessidade de informação sobre o assunto. Restam algumas questões que ainda não foram abordadas.

João fala que Deus procura um certo tipo de adoradores em particular. E, ao revelar-nos isso, associa-os a duas palavras-chave: espírito e verdade (vs. 23).

De fato, ele diz que Deus não procura qualquer adorador. Adoradores não faltam. Ele os acharia aos montes,

por aí. Mas isso não interessa; ele procura verdadeiros adoradores.

Verdadeiros, eis a chave

Podemos notar que esta restrição foi apresentada por Jesus a uma pergunta feita pela mulher samaritana. Ela queria saber o local certo para adorar a Deus. Ela queria saber sobre forma, sobre liturgia, sobre ritual.

Que interessante! Tantos séculos passados e ainda não progredimos muito em relação a este assunto. Ainda vivemos como se Jesus não tivesse respondido àquela indagação. Continuamos preocupados se Deus aceita mais uma oração de joelhos, de pé ou sentados; de olhos fechados ou abertos; silenciosa ou audível.

Cristão que acredita em mágica?

Continuamos a esperar o domingo, para um encontro com Deus; em “sua casa”; estabelecemos horário para adoração: ao acordar, às refeições, no culto doméstico, ao dormir, imaginando que ali Deus está especialmente presente, e em outros momentos não. Classificamos certos atos de louvor — geralmente associados à música —, outros de pecado — quando fazemos algo errado — e outros, uma grande maioria, de “neutros”, ou seja, nem adoração, nem pecado.

Elegemos certos conjuntos de palavras como especialmente caros a Deus; com a capacidade mágica de movê-lo, e lhes damos títulos pelos quais são reconhecidos: “Pai nosso”, “Ave-Maria”, “a bênção” etc.

Sacralizamos certos conjuntos de ações e passes rituais, rígidos, fixos e complicados, como capazes de produzir efeitos mágicos sobre as pessoas neles envolvidas — muito embora nem sempre saibamos descrever claramente esses efeitos —, e lhes damos nomes próprios: “casamento”, “batismo”, “crisma”, “Primeira-comunhão”, “santa-ceia”, “louvor”, “culto”, “missa”, “bênção sacerdotal” (ou patriarcal), “novena” etc.

— Mas se essas coisas são desprovidas de valor — diria você —, acabou-se a religião!

Religião é isso?

Realmente, talvez seja a hora de dizer que não se trata de, simplesmente, jogar por terra tudo o que “cheire” a formalismo, ritualismo ou liturgia. Não! E não foi essa a

resposta de Cristo à mulher samaritana, quando Ihe colocou o assunto. Ele não se posicionou a respeito de Jerusalém ou Sicar. Como que a dizer que não era aquilo o mais importante. O local poderia ser qualquer um, contanto que houvesse verdadeira adoração, e essa verdadeira adoração seria aquela oferecida em espírito e em verdade. Mais que isso: a verdadeira adoração não depende de nenhuma dessas formas. E mais ainda: essas formas não têm em si a propriedade de produzir adoração legítima, embora tenhamos que concordar que não existe adoração sem alguma forma.

Religião também
é isso

Em espírito

É isso: o verdadeiro adorador, o adorador “em espírito”, é aquele que não ofende a Deus com as verdadeiras motivações daquilo que faz.

Ah, o problema é
a motivação

Sim, vamos juntar as coisas que já dissemos. Dissemos que aquilo que é *oferecido* a Deus, mas que não é inspirado em seu amor; aquilo que não é resultado dos votos de lealdade e fidelidade estabelecidos entre ele e nós, tudo isso é pecado, porque o ofendem e expulsam, e ele não poderá estar presente em situações que o neguem. Assim, mesmo um ato litúrgico, ou, na forma exterior, de adoração, pode ser ofensivo a Deus porque não é “em espírito” sendo, portanto, pecado.

E como saber a diferença? A diferença está no coração. Lembra-se do exemplo do “outro” em casa? Suponha que a esposa tivesse preparado um lindo bolo e o marido, ao chegar do trabalho o come de sobremesa. Ele teria bons motivos para se alegrar com aquele bolo, até saber que naquele dia, embora esteja viajando, o “outro” está aniversariando. Entendeu? Você pode participar em qualquer ato litúrgico, muito circunspecto, mas se esse ato não estiver apoiado em um desejo íntimo de encontrar-se e oferecer algum tipo de serviço ao Senhor, mas, ao contrário, seus motivos reais são o de encontrar-se com os amigos, resolver um negócio, encontrar uma moça ou qualquer outro, estará “oferecendo ao marido (Deus) o bolo de aniversário do “outro”. E, como nessa farsa ele não pode estar, nela não há vida nem luz. Com todo o respeito e temor, poderíamos, assim, dizer que

Não podemos
enganar a Deus,
a respeito de
nossas intenções

esse culto é pecado (Isaías 1,10 ss).

Sim, dizia Jesus, Deus é espírito e busca aqueles que o adorem em espírito. Não com atos ociosos, mas com um coração motivado e inspirado pelo amor a Ele.

Por outro lado, imaginemos uma situação jamais considerada “espiritual”: um jogo de futebol. Nesse jogo, você mantém no coração aquele sentimento profundo e quente da presença do Senhor, e Ihe oferece todos os seus atos, em todos os lances. Você estaria, praticamente, jogando para o Senhor. E esse jogo, será, certamente, um ato de adoração. Em espírito, você estará adorando.

A imagem do apaixonado

De repente, um adversário atinge-o com um golpe intencionalmente maldoso. Ele, nitidamente, visou você, em vez da bola. É a hora da raiva. Este jogador já vinha tentando machucá-lo desde o início do jogo.

Sobe o sangue

Mas nesta altura de seus pensamentos você pára. Ainda estendido no chão, você se lembrou do seu Senhor. Como quando nos vem à mente a imagem da namorada ou esposa querida, e sentimos uma espécie de choque. Ela estava presente o tempo todo, mas quando essa presença vem à consciência, dá o choque. E você, inspirado nesse sentimento gostoso e profundo, perde a vontade de esbravejar, resmungar, gritar, “fazer cera” etc. Você sabe que seu “amor” não gosta disso, e, mesmo que com algum sacrifício, oferece essas reações a ele, num genuíno ato de adoração.

Que paixão, heim?

Este fenômeno não nos é absolutamente estranho. Os mais famosos episódios de bravura, grandeza moral e de sacrifício espontâneo da história da humanidade são inspirados por uma musa. “O amor enobrece pessoas”, diz-se popularmente.

Por quê é aceitável entre nós, e piegas em relação a Deus?

Adorar em espírito não requer uma forma específica, nem a presença física do objetivo desse ato de amor. É o caso da esposa ausente. Viajando, o marido teve que ficar na cidade por causa de compromissos. Se seu amor é verdadeiro ele fará coisas que ela gostaria, e deixará de fazer coisas que a magoariam, mesmo que ela nunca venha a ter conhecimento disso. O que o leva a isso? Uma motivação interna, costumeiramente chamada de “devoção”. Não há

Só é piegas para quem nunca viveu um grande amor...

...ou para quem o infinito não durou nada

necessidade de vigias, nem de ordens, nem de pedidos. O “devoto” busca saber o que agrada, e como agradecer ao seu amor.

Em verdade

Verdade e erro ≠
verdade e
mentira

Com isso, chegamos à segunda palavra com que Jesus definiu o adorador que Deus procura: verdade. “Em espírito e em verdade” .

Verdade se define, filosoficamente, como uma “adequação” entre o objeto e o objeto percebido. Se percebo um carro que passa como sendo verde, e, de fato esse carro é vermelho, cometi um erro; o que percebi não é verdade. Se digo que o moço pegou a bolsa, mas na realidade ele não a pegou, o que disse não é verdade. Seria uma longa conversa se começássemos a discutir aqui as causas e efeitos dessas e de outras “inadequações”. Não caberia aqui, embora pareça interessante.

Como entender “adoração em verdade”, a partir dessa conceituação? Vamos a mais um exemplo familiar (cada vez percebo melhor o porquê da imagem bíblica de noivo e noiva, marido e mulher, para exemplificar as relações de Deus com os homens).

Bodas de prata

Aniversário de casamento. Vigésimo quinto. Bodas de prata. Ocasão para um presente que diga tudo aquilo que você pensa dela; da sua admiração, da sua gratidão pela esposa que tem sido etc. e tal. Você sabe que ela está precisando de uma nova batadeira de bolo, pois a dela ainda é presente de casamento, e já não aceita mais reformas e consertos. Além disso, seu senso prático lhe diz que o presente vai beneficiar toda a família.

Mas quando ela recebe, excitada, o presente, e o abre, não consegue esconder uma ponta de frustração e decepção:

—O que houve?, pergunta você, como quem vai se ofender, se o motivo não for convincente (ou, para se proteger).

— Nada, meu bem — diz ela, tentando se recompor — é

que estou com uma dor de cabeça chata... mas que presente lindo... não precisava...

A dor de cabeça da decepção

Se o leitor nunca passou por uma situação como essa, não perceberá o que aconteceu. Não vai entender a dor de cabeça, e muito menos a decepção. Ocorre que aquele presente, aquela demonstração de amor não foi feita “em verdade” Naqueles 25 anos o marido teve tempo e oportunidade suficientes para saber o que a esposa gostaria e o que não gostaria de ganhar numa situação como essas. É possível até que ela já o tenha dito, em outro aniversário ou no aniversário de algum parente, para não ficar muito direto.

—Viu o que o Ricardo deu para ela, meu bem?

—Vi, mas, qual o problema?

—Ah! numa situação como essas “uma mulher” gosta de ganhar algo bem pessoal, como uma jóia, um brilhante, um relógio, e não mais uma panela de pressão...

—Mas não foi uma panela de pressão, foi...

E esta conversa se perdeu no tempo, emergindo, agora, como uma ofensa.

Os homens são todos iguais

O raciocínio que está por trás da súbita — e pretensa — dor de cabeça, é que, se ele a amasse mesmo, se preocuparia em dar um presente ao seu gosto, e não passar na primeira loja aberta e comprar o primeiro objeto da vitrine que custasse mais de cem reais. — Não é pelo valor, diria ela, mas pela intenção, pelo pouco caso. Eu preferiria ter ganho uma rosa que ele tivesse cultivado pra mim.

Muitas vezes queremos servir a Deus com atos ou até sacrifícios sobre os quais não procuramos saber sua opinião. Achamos que “ele tem que gostar, pois está-nos custando muito caro”. E assim, oferecemos-lhe sacrifícios que ele não pediu, e deixamos de fazer o que realmente lhe agradaria.

A adoração da bateleira de bolo...

... e a dor de cabeça divina

Não pense o leitor que ele vai puni-lo, por isso. Não é isso. Apenas que ele não pode ser enganado, como nossos amores terrenos. E sua adoração, que não é “em verdade”, pode ser até pecado, conforme ele ler em seu coração. Se você ofereceu um sacrifício errado por uma ignorância justificada, ele saberá compreender, mas se o motivo tiver sido descaso,

Não seja esperto com Deus

displícência ou outro qualquer...

Minha noiva,
você?!

Aí está, de forma mais clara, a resposta de Jesus à mulher samaritana: você pode passar a vida em um mosteiro, e estar pecando; correndo o risco de ouvir, do próprio Jesus: “nunca vos conheci, apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”. Sim, o verdadeiro adorador procura saber e fazer o que o Pai quer, e o faz com o coração — com o motivo correto.

Um trato interes-
sante

Assim, meu caro leitor, há pessoas que passam seis dias da semana, a cuidar dos “seus” negócios, usando os “seus” métodos, sem preocupar-se com o que costumam chamar de “meu Deus”; e no domingo vestem uma roupa bonita e vão “prestar um culto a Deus”. Sabe com o quê se parecem? Parecem-se com o homem que, no altar, diz à noiva: “vamos fazer um trato: uma vez por semana eu passo o dia com você e faço o que você quiser. Agora, nos outros dias... bem, você sabe... eu gosto muito das suas amigas...” Você se casaria com ele?

Ac há que Deus
pede demais de
um mortal?

Eu jamais poderei servi-lo assim, dirá você; é sobre-humano. Talvez até alguém possa, mas, do jeito como estão colocadas as coisas eu sei sinceramente que estou desclassificado.

Eu sei, caro leitor. É o meu problema, também. Mas eu lhe pergunto: você gostaria? Estaria disposto a apresentar a sua parte dessa tesoura? Se está, há muita esperança para você porque Deus tomou providências a esse respeito.

Um tema comum

Um enredo muito comum em filmes famosos é aquele em que a cortesã, ou moça pobre, se apaixona pelo seu patrão, um nobre poderoso, uma paixão secreta. Mas este já está comprometido, por força de obrigações sociais, com uma pretendente da alta sociedade. E a história se desenvolve a mostrar a natureza dos dois tipos de relacionamento daquele nobre: com sua pretendente e com a moça pobre. Esta, secretamente, sonha um sonho impossível. Mas, na presença do seu amor, se atrapalha toda e comete erros desastrosos e embaraçosos, inclusive para seu senhor. Chega a colocá-lo em situações ridículas e difíceis. A outra, ao contrário, habituada à vida na corte, se apresenta como a companhia ideal: ela saberá “receber” com distinção e elegância; saberá fazer

a sua parte feminina nos negócios do marido; será, enfim uma esposa, de quem ele poderá se orgulhar.

Mas, no final da história, no dia do grande casamento, o que acontece? Ele descobre que não poderá ser feliz com um casamento, tão superficial. Um casamento apoiado em aparências. Ele precisa casar-se com alguém que o ame de verdade, mesmo com sacrifício de sua imagem, que, por sinal, não lhe é tão importante quanto para os outros. E lá está ela: modesta, ruborizada etc. (Construa você mesmo a cena), a dizer:

— Mas eu não sirvo para sua Alteza; eu não tenho berço, não sei receber, sou desastrada, inculta e...

— Não importa, meu amor — atalha ele —, o que eu quero é o seu coração. Se você tiver paciência e perseverança eu faço de você uma rainha. Mas não é isso o importante, — porque daqui por diante você terá o meu nome, e quem quiser desprezá-la, estará ofendendo a mim —, o importante é que sejamos felizes um com o outro.

Entendeu, leitor? Deus precisa apenas de seu amor genuíno e devoto. Um amor que suporte as pressões, os falatórios das “comadres”, as quedas, as frustrações. Um amor que o torne humilde. Que o faça aceitar correção sem desfalecer e sem murmurações. Um amor que o torne, persistente; que apresente, em qualquer circunstância “a sua parte da tesoura” para o corte que for necessário. Um amor que confia. Confia sempre no amor do outro; confia que, mesmo sem compreender o que ele está fazendo, será para o seu bem.

O amor vence barreiras

Atenção: isso não é história da carochinha, é realidade! Pelo menos, deveria...

5. Providências do Amor

Dissemos há pouco que Deus tomou providências a respeito de nosso relacionamento consigo; a respeito de nossa incapacidade de amá-lo como ele gostaria, em espírito e verdade. Que providências são essas? Podemos apresentá-las em pelo menos três aspectos: a) a revelação de seu ser, de sua vontade, seu amor; b) o preparo do caminho de volta; e c) as condições que nos dá de amá-lo.

É a parte dele, nessa história da tesoura?

Revelou-se

Depois de havermos dado a Deus a resposta que demos, afastamo-nos dele. Nossa transgressão nos impregna de sentimentos de medo e culpa, que nos levam a evitá-lo. Como aquele amigo que nos deve dinheiro e não tem como pagar: ele atravessa a rua, para não ter que nos falar, mesmo que não lhe tenhamos cobrado uma só vez. Mais que isso, incomoda-nos a sua presença, porque sabemos de suas expectativas em relação ao nosso comportamento e ficamos constrangidos ao “oferecer” nossos atos a “outro”. Por isso tudo, afastamo-nos. Achamos e alegamos que ele nos sufoca. Liberdade!

Sempre achamos um jeito de nos colocar do lado certo do conflito

Esse afastamento histórico provocou, naturalmente, a perda da intimidade, num primeiro momento; o esquecimento de certos fatos importantes em relação a ele, em

seguida; e o quase esquecimento de sua existência, finalmente. Lembra-se da história do primeiro capítulo? Recordar-se que a traição provocou a morte instantânea dos elos de ligação? Pois bem, depois dessa morte, aquela relação, que parece que ficou viva, começa a se deteriorar, se não houver restauração.

Assim o homem ficou com uma imagem tosca e distorcida de quem tinha sido tudo para ele. Como uma vaga lembrança de um amor desfeito há muitos anos. E essa imagem o leva a usar o nome de Deus como uma espécie de talismã. Usa, mas não quer compromisso. Um uso puramente instrumental. Ficamos parecidos com a garotinha que carrega para lá e para cá uma boneca que já foi bonita, mas agora está toda estragada, irreconhecível; mas ela tem ainda uma certa dificuldade de jogá-la fora, sem saber ao certo porquê.

Deus, à nossa
imagem e seme-
lhança

Outros, por não conseguirem viver sem aquela presença, criam para si imitações do que ela teria sido, e tentam relacionar-se com elas. Só que, desta vez, com uma vantagem: não haverá separação, porque este, é mais indulgente.

Outros ainda, num estado de típica insanidade, acham que não houve separação nenhuma. Em seus delírios, criam para si um deus bondoso, “só amor”, e se relacionam perfeitamente com ele. Este, aprova tudo o que fazem. Mesmo quando erram, absolve-os com cumplicidade marota.

Mas o Deus verdadeiro não se ausentou totalmente de nós, assim como o marido não saiu de casa, no caso do “outro”. No momento da separação ele já tinha um plano pelo qual tentaria nos atrair de volta para si.

Como parte desse plano, ele nos revelou que apesar de tudo, continuava a nos amar. Odiava, no entanto, nosso pecado com a paixão do seu amor por nós, porque esse pecado é que nos afastava dele. Como uma mãe, que percebe que seu filho é um viciado em drogas. Ela odeia aquele vício na proporção em que ama o filho. E para que não houvesse dúvidas, preferiu deixar tudo por escrito (acham isso difícil demais para Deus?).

A Bíblia

Revelou-nos, também, sua fidelidade. Tornou claro que não nos repeliria se o buscássemos arrependidos. Procurou

infundir em nós profunda segurança, de forma que não nos sentíssemos rejeitados, intimidados. Mas atraídos.

E, finalmente, revelou-nos seu próprio ser. Ele sabia que nos havíamos esquecido de como ele era, pensava e sentia as coisas, e que, apesar de todo seu amor, não poderia — não está nele — abrir mão dos valores absolutos que dele emanam. Eles fazem parte de sua natureza, e se ele abrir mão de qualquer deles, deixa de ser o que é, deixa de ser o “eu sou o que sou”.

Um Deus de liquidação?

Com efeito, ele se revelou como quem nos convida, nos atrai, nos encoraja, nos suplica, quase, que voltemos a ele; que Ihe “ofereçamos” aquele estado de rebelião que nos causa a morte, através do arrependimento e confissão. E ele, com todo o gosto, dará novamente vida ao nosso relacionamento e a nós mesmos (Efésios 2,1-3). Veja outra vez, como isso ocorreu entre o nosso personagem do primeiro capítulo e sua esposa. Fica claro, de qualquer forma, que seria bobagem nos apresentar de volta a ele sem o propósito de mudança radical (Mateus 22,11-14). E esperar que Deus mudasse, em vez de nós, seria o máximo de soberba.

Mais uma vez, a imagem dos sacrifícios pagãos

Seria colocar-nos no centro do universo

caminho de volta

A revelação de Deus não se deu, no entanto, apenas ao nível intelectual, por carta. Suas providências foram mais além: ele nos ofereceu de volta a vida, na pessoa de seu filho, seu único filho.

Estávamos mortos, por causa da quebra dos elos de ligação com Deus. Era necessário vencer essa morte. Mas como vencer a morte se estamos mortos? Deus mandou-nos seu filho, que nunca pecou, para sobre ele, lançar nossa morte. E, na sua morte, foi-se a nossa morte, a nossa condenação.

Paga a conta, acaba a dívida

A paga que nos era devida pela nossa transgressão foi lançada sobre ele, para que se pudesse completar o processo de restauração: arrependimento, confissão e perdão. Nosso arrependimento, como desejo sincero de que “nunca tivéssemos feito aquilo”, não anula as conseqüências do que fizemos; não paga a dívida. Assim como o tirar o prego da

madeira não faz desaparecer o furo. E aqui temos um novo elemento de nossa primeira história. Quando nosso herói se arrepende do que fez naquela cidade grande e confessasse arrependido a sua esposa, está dizendo que gostaria de nunca ter feito aquilo; mata, no seu interior, aqueles fatos. Isso já foi bem explicado.

O que não se deve esquecer, no entanto — e aqui está o fato novo —, é que, conquanto esse ato simbólico de matar o passado seja aceito por Deus (e o deve ser também, pela esposa) como se tudo tivesse desaparecido, não se deve pensar, com isso, que suas conseqüências desapareçam como um passe de mágica. E se aquela moça da nossa história tivesse tido um filho? O arrependimento genuíno do nosso personagem teria o poder de fazê-lo desaparecer? Claro que não. E nosso homem teria esse filho pelo resto da vida.

Não cabe aqui, evidentemente, enveredar pelo caminho de dizer que providências nosso herói deveria adotar em relação ao filho. Mesmo porque, a moça não engravidou.

O fato é que, como já vimos, nossa rebelião em relação a Deus produziu conseqüências graves. E a mais séria delas foi a morte. Estava presente e patente em nossa relação com ele — como já vimos — que a ausência dessa relação nos colocaria em trevas profundas: a ausência de Deus. Mas voltamos para ele, atendendo ao seu apelo de amor. Confessamos nossos pecados cometidos contra ele. E agora? Agora, se não fosse sua sabedoria, te-lo-íamos colocado em situação difícil, porque a morte era um fato que não poderia deixar de ser considerado, mesmo havendo genuíno arrependimento e verdadeiro perdão.

Mas sua providência foi completa e perfeita. Deus incluiu, como ingrediente ao arrependimento, a aceitação de uma substituição. Sim, se era conseqüência do pecado a morte, providenciou Deus que assim se fizesse. Mas determinou, por outro lado, que toda a conseqüência de todos os pecados de todos os homens fosse lançada sobre um só; alguém que nunca tivesse pecado, e, portanto, que não tivesse que pagar pelos seus; alguém que pudesse pagar uma dívida infinita — porque contraída com um ser infinito — alguém, portanto, necessariamente infinito.

O pecado marca

Rebelião conduz à morte

Nós semeamos vento. Ele bebeu a tempestade

Assim, decidiu Deus providenciar um substituto para nós, para receber sobre si as conseqüências de nosso pecado, para que ninguém dissesse que ele foi contra si mesmo, indo contra leis que emanavam de sua natureza e personalidade. Para que, não transgredindo a si próprio não se anulasse como Deus.

Coerência total

“E o verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.” (João 1,14).

Esse substituto, meu caro leitor, era seu próprio filho. O único capaz de preencher todos os requisitos. E Jesus veio, viveu, sofreu e morreu em nosso lugar.

Agora, no processo de nosso arrependimento para com Deus está inclusa a aceitação dessa substituição. Temos que declarar-lhe que sabemos que a conseqüência do que temos feito — e haveremos de fazer ainda — é a morte, e que estamos “mortos em nossos delitos e pecados” (Efésios 2,1). Mas que sabemos que Jesus morreu em nosso lugar e que essa substituição está valendo para nós porque a aceitamos, a recebemos, tomamos posse dela como sendo a nossa própria morte.

Uma substituição que precisa ser pedida

Para esse, satisfeita sua própria justiça, Deus profere a palavra bendita de perdão. E volta a habitar em nós. Ora, como nele está a vida, “e a vida era a luz dos homens” (João 1,14), estando em nós, ele nos dá vida, assim como o fez a esposa, em nossa história inicial. Apenas que em uma dimensão muito superior. Como ele é eterno, nos dá vida eterna.

Vida eterna, enfim

A restauração

A intenção do Pai, com todas as providências que tomou, era a de dar-nos condições objetivas e concretas de atender ao seu chamado de volta; condições de religação, de religião. Mas nosso leitor poderia, ainda argumentar:

— Estou impressionado com seu amor e suas providências a meu respeito, mas ainda não sei como farei para amá-lo. Eu Ihe sou reconhecido, eu o aceito, aceito seu Filho com gratidão profunda, mas temo que seu amor seja

ainda muito exigente para mim. Temo que jamais poderei satisfazê-lo.

A questão do
querer ...
...e do querer
querer

Chegou o momento, então da pergunta que fazemos, mas que Deus não precisa fazer, porque conhece os corações: você quer? Veja que não estamos falando aos seus sentimentos, mas à razão. Você gostaria de corresponder ao seu amor? Aqui está a questão. Se sua dificuldade tem origem em um profundo sentimento de incapacidade, mas está disposto a apresentar sua parte da tesoura, então temos boas notícias para você: o próprio Jesus afirma: “Aquele que o Pai me dá, esse vem a mim; e aquele que vem a mim, de maneira nenhuma o lançarei fora.” “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei e cearei com ele e ele comigo.”

Desculpe o
engano. Até

Mas se, por outro lado, você está relutante porque não deseja enquadrar-se em suas exigências; porque acha que muitas das coisas que tem feito — e que foram aqui definidas como “inspiradas e oferecidas ao “outro’ amor” — são difíceis de largar porque são as coisas que dão prazer à sua vida; porque acha que essa dita “morte” — ausência de Deus — não faz tanta diferença, não é tão má assim; ou finalmente, porque você tem seus próprios meios de se religar com Deus — , um Deus, aliás, que não se parece em nada com este descrito aqui — , então, meu amigo, nada mais resta a dizer.

Se, no entanto, você sente que tem levado uma vida incompleta, fraca, pobre, vazia e sem significado, devido à ausência de seu grande primeiro amor, então, convido-o a fazer a oração que se segue. Uma oração ensinada pelo próprio Filho; uma oração que, se repetida com um coração sincero, nos ajuda a aproximarmo-nos do Pai sem qualquer cosmético a encobrir nossos defeitos e fraquezas, mas “em espírito e em verdade”. Vamos orar?

O “Pai Nosso”
aplicado

Pai nosso que estás nos céus. Eu me apresento a ti como filho que te ama. Na verdade, pai, não te amo tanto quanto deveria, ou gostaria, pois teu Filho nos ensinou que se te amássemos faríamos tua vontade. Mas apresento-me a ti como quem quer ser filho como teu filho, para te amar como ele te amou. Socorre-me, Senhor! Apresento-me disposto a

ser amado por um Pai; que ensina, corrige e disciplina a seus filhos. Dá-me, mais e mais, a confirmação dessa filiação em meu coração, porque é isso que eu busco acima de tudo.

Quero ser filho
como o Filho

Santificado seja o teu nome. Ó Senhor, ao afastar-me de ti com meu pecado, perdi a dimensão de tua santidade. Fiz-te comum em minha vida. Faze com que eu possa ter-te como meu bem maior, único, exclusivo. Superior e acima de qualquer outro. Que eu possa ter-te envolvido em cada ato de minha vida, e que nada do que eu faça te magoe ou ofenda. Dá-me tua graça, para que estas palavras se materializem em minha vida, e se transformem em verdade.

Seja meu bem
maior

Venha o teu reino. Senhor, eu quero te servir. Apresento-me como teu súdito fiel. Buscarei saber tuas menores vontades para as cumprir em minha vida. Tão-somente dá-me forças para os “sacrifícios” que eu terei que te oferecer, ao contrariar meu “outro”, meu eu. Aceito o sacrifício de teu Filho em meu lugar, porque transgredi tua lei e afrontei teu amor por mim. Aceito e valido sua morte em meu lugar, e recebo-o como meu salvador e Senhor; Senhor, Rei de minha vida.

Quero ser súdito
leal e obediente

Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu. Faça-se a tua vontade na minha vida e através de meus membros, como ela é feita nos céus. Eu me ofereço como voluntário para o teu serviço. Senhor, fortifica-me neste propósito, para que cresça nele. Dependendo de ti.

Quer ser servo fiel

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Dá-me da tua graça, do teu amor, para que eu possa amar-te como devo. Esta é uma necessidade minha para o dia de hoje. Tu sabes que sou fraco nisso, mas que, em ti, tudo posso. Tem misericórdia de mim e socorre-me. Dá-me a segurança de tua presença e de tua providência em minha vida, para que não precise preocupar-me com as coisas do dia-a-dia ao ponto de esquecer-me de ti, e esteja liberado de ansiedades e cuidados para poder dedicar-me a ti.

Peço proteção

Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores. Mostra-me a quem devo perdoar; a quem devo devolver a vida, a restauração. E tem misericórdia de mim, quando falhar. Ajuda-me a não reter o perdão. Dá-me forças para temer o teu juízo.

Peço perdão

Peço humilde
poder

E não nos deixes cair em tentação. Cuida deste teu novo filho. Não permitas que o inimigo seja mais forte que a força que tu me dás, para que eu não possa “me desculpar” diante de ti por ter caído, mas que, ao contrário, tenha a confiança de que tua parte da tesoura sempre estará à minha disposição.

A ti me ofereço

Porque teu é o reino, o poder e a glória para sempre. A ti eu ofereço toda a honra, o mérito e o louvor — além de minha gratidão pessoal — pelo que hás de fazer em resposta a esta humilde oração. Amém.

Nota

¹C.S.Lewis. *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo, ABU, pp. 74.

Você já pensou em oferecer a Deus uma adoração do tipo "panela de pressão"? Já se imaginou recebendo uma de oito litros, como presente de bodas de prata? Você já se perguntou se tem alguma responsabilidade pessoal em relação a um Deus onipotente? Já imaginou que sua liberdade, quando confrontada com a soberania de Deus pode formar uma "tesoura teológica"? A propósito, você sabe qual é a lâmina da tesoura que corta? Já se imaginou vivendo, em relação a Deus, uma situação de adultério? Já se pensou no termo "apostasia" como adultério?

É através de um mundo de imagens como essas que Rubem Amorese procura, neste livreto, estabelecer com seu leitor, uma conversa desprentensiva – todavia séria e devocional. Um diálogo entre pessoas ao mesmo tempo curiosas e sinceras, que buscam compreender melhor o Cristianismo. Seu objetivo é colocar temas profundos do Evangelho em uma linguagem acessível ao cidadão do final do século XX.

O resultado é surpreendente: um texto leve, fácil de ler e todo construído sobre exemplos e imagens do nosso cotidiano, que acabam por trazer conceitos de profundo valor doutrinário para o alcance do leigo.

Esse diálogo, no entanto, vai além: Rubem "conversa" com o leitor através de breves anotações de margem. Funciona como se você estivesse lendo um livro já estudado, anotado por alguém. Você pode concordar, riscar ou mesmo fazer as suas próprias anotações.



Editora Pelicano

SCS, Ed. Citibank, 2º andar, Fone: 061-322 2000, FAX: 061-226 7316
CEP 70300-500, Brasília, DF, Brasil.